

3 — há a superposição de dois processos de designação botânica: um objetivo, baseado nas características morfológicas da planta, e outro, de cunho terapêutico real, atribuído ao mesmo vegetal;

4 — o material levantado mostra uma classificação mais detalhada a respeito dos vegetais do cerrado, do que a respeito dos da floresta, o que é de se esperar, tendo em vista o *habitat* tradicional e preferencial da tribo.

O trabalho traz ainda, em apêndice, as plantas identificadas do inventário boróro e uma bibliografia. — CRISTINA ARGENTON COLONELLI.

BORGES PEREIRA, João Baptista — *Côr, Profissão e Mobilidade — O Negro e o Rádio de São Paulo*, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais e Editora da USP, São Paulo, 1967, 286 pp.

O rádio e o futebol são duas subexpressões da sociedade brasileira consideradas pelos cientistas sociais como campos onde o negro encontrou condições excepcionais de ajustamento profissional. O Autor, que é professor de Antropologia da Universidade de S. Paulo, analisa neste livro o processo de interação entre brancos e negros no meio radiofônico paulista, considerado este como uma dimensão da estrutura ocupacional dentro de uma realidade ampla e diversificada, representada pela cidade de S. Paulo.

Constituem objetos de análise, neste trabalho pioneiro, o momento histórico do aparecimento do rádio ligado a objetivos educacionais e a sua posterior comercialização e transformação em meio de comunicação de massa. Ao lado desta transformação, dá-se a reformulação de padrões de gosto e de construção musicais que leva a exaltação de um tipo de música popular identificada ao mesmo tempo à vida urbana e ao grupo negro. Esta segunda identificação exprime o fator que em parte explica o aproveitamento de representantes desse contingente populacional, ainda em tentativas de integração social, pela radiodifusão empresarial. Numa primeira parte, ao lado desta análise histórica, o A. focaliza a estrutura e os mecanismos de mobilidade da moderna empresa radiofônica. Numa segunda parte, começa por examinar a distribuição quantitativa, a participação e a mobilidade do negro naquele ambiente de trabalho; depois, focaliza o jogo complexo de fatores que permitiu, ou facilitou, seu aproveitamento naquele campo profissional; e, termina por ampliar a análise da participação do negro radialista tanto no contexto profissional ligado ao rádio (agências de publicidade, clubes noturnos, gravadoras etc.) como na sociedade ampla.

O rádio surgiu na vida brasileira depois da I Guerra Mundial, quando se iniciou o processo lento, mas irreversível, de substituição da sociedade rural tradicional pela vida urbana e industrial. São os primeiros sinais do aparecimento de uma sociedade de massa, criando novas necessidades, dentre as quais, novas maneiras de comunicação. É neste momento que surge a radiodifusão, poderoso e inédito elemento de manipulação da opinião pública, influenciando na formação de novas mentalidades e divulgando novos estilos de vida. Como diz o A., no 2.º capítulo, o rádio surge como privilégio e propriedade de uma elite intelectualizada com o objetivo expresso de levar educação e cultura ao povo: é o rádio educativo. Posteriormente este rádio educativo é substituído pelo comercial, que cumpre três funções: publicitária, informativa e lúdica. A estrutura da moderna empresa radiofônica é traçada no 3.º capítulo, tomando-se como base um modelo-ideal ou padrão. Esta empresa está alojada numa *macroestrutura* formada também pelos anunciantes, publicitários e ouvintes. É neste campo estruturado que se verificam os processos de mobilidade ("trânsito de personalidades"), objetos de análise do 4.º capítulo.

Os graus e modalidades de participação do negro nestes processos são analisados na 2.^a parte do livro, quando a atenção do A. se desloca deste nível descritivo estrutural para a integração profissional do elemento de cor. Deste exame, conclui que o rádio reproduz de *modo geral* a situação do negro na sociedade: ele está sempre no exercício de atividades subalternas e mal remuneradas; fora daí (o que dá o caráter de excepcionalidade a seu aproveitamento pelo rádio), ele está presente nas "atividades profissionais ligadas à comercialização da música popular": músico, cantor etc. Esta presença profissional é interpretada pelo A. como "confinamento" do negro na estrutura empresarial. Para que este "confinamento" perdure, há vários mecanismos em atuação, dentre os quais se destacam os estereótipos que formam a imagem estilizada do preto como profissional. Através destes estereótipos, os negros se qualificam ou não para ocuparem cargos na emissora; vários depoimentos de produtores e diretores artísticos ilustram como o negro, julgado ou visto através de tais imagens, sofre dificuldades e é até impossibilitado de ocupar cargos de maiores responsabilidades. Se os negros não se qualificam para certos cargos, em compensação e, melhor do que os brancos, eles se qualificam para ocupar posições ligadas à música, pois é crença geral naquele meio de trabalho que o ritmo e a música estão no sangue do preto, como se esses elementos culturais fossem componentes biológicos obrigatórios do grupo de cor.

A maneira intensa como o próprio negro participa dessas associações é bem caracterizada na frase de um cantor mulato: "A gente precisa saber o lugar da gente: onde a gente é bom e onde não é" (p. 164).

Segundo o A. "quando esta imagem sai dos bastidores e alcança o mundo programático assiste-se ao nascer do *negro caricatural*". Essa imagem que se tem do preto e de sua vida é transformada em divertimento através de programas humorísticos, que transmitidos ao público, difundem e reforçam os estereótipos a respeito da raça negra.

Por fim, no último capítulo, é ensalada uma interpretação das condições culturais que num dado momento sócio-histórico da vida brasileira, possibilitaram a revalorização de um tipo de música tida como "negra", e com esta revalorização, possibilitaram também o aproveitamento do elemento humano a ela ligado. O A. fecha seu livro, tecendo algumas considerações finais a respeito da participação do negro radialista em outras esferas do todo social, pondo em destaque as barreiras e os problemas que ele encontra ao tentar participar de esferas associativas de brancos; João Baptista Borges Pereira lança-se desta maneira na discussão existente entre estudiosos de temas raciais, que tem como tema central a inter-rogação — o preconceito existente no Brasil é de "classe ou de cor" (?). — SOLANGE MARTINS COUCEIRO.

Luz, Nícia Villela — *A Amazônia para os Negros Americanos* (As origens de uma controvérsia internacional), Editora Saga, Rio de Janeiro, 1968.

E Editora Saga lançou, em 1968, a obra de Nícia Villela Luz: *A Amazônia para os Negros Americanos*. Trata-se de um livro de 188 páginas, prefaciado por Sérgio Buarque de Holanda, e no qual encontramos, além da introdução da Autora, seis capítulos rigorosamente cuidados, com abundantes notas informativas em pé de página, conclusões e uma bibliografia muito vasta e muito bem selecionada.

"É rigorosamente um trabalho de história, que, alheio a intuítos polêmicos, *sine ira*, consegue ferir temas de atualidade permanente, autorizando-os com os métodos mais adequados de análise e com os instrumentos mais eficazes de pesquisa". Assim viu Sérgio Buarque de Holanda o trabalho da historiadora Nícia Villela Luz, no que diz respeito ao livro de que ora nos ocupamos.